16 de maio de 2023 CAUSAS DE MORTE 2021 2010-2021

Versão retificada em 16/05/2023 17:30

No segundo parágrafo do lead, onde se lia "A doença COVID-19 foi a segunda principal causa de morte no ano (...)" passou a ler-se "A doença COVID-19 foi a terceira principal causa de morte no ano (...)"; e onde se lia "A taxa de mortalidade pela doença COVID-19 foi de 124,8 óbitos por cada 100 mil residentes em Portugal, mais elevada no caso dos homens (139,8 por 100 mil homens) do que no das mulheres (111,2 por 100 mil mulheres). A idade média ao óbito foi de 80,5 anos, mais elevada para as mulheres (82,4 anos) do que para os homens (78,7 anos)." passou a ler-se "A taxa de mortalidade pela doença COVID-19 foi de 124,5 óbitos por cada 100 mil residentes em Portugal, mais elevada no caso dos homens (139,3 por 100 mil homens) do que no das mulheres (111,0 por 100 mil mulheres). A idade média ao óbito foi de 80,5 anos, mais elevada para as mulheres (82,5 anos) do que para os homens (78,8 anos)."

Na página 4, os valores do quadro 2 foram alterados.

No último parágrafo da página 9, onde se lia "Em comparação com outras doenças do aparelho circulatório, nomeadamente as doenças cerebrovasculares, as doenças isquémicas do coração apresentam taxas brutas de mortalidade baixas nos grupos etários inferiores a 55 anos." passou a ler-se "Em comparação com outras doenças do aparelho circulatório, nomeadamente as doenças cerebrovasculares, as doenças isquémicas do coração apresentam taxas brutas de mortalidade mais elevadas nos grupos etários inferiores a 55 anos."

## EM 2021, PARA ALÉM DAS MORTES POR COVID-19, AUMENTARAM AS MORTES POR TUMORES MALIGNOS DA TRAQUEIA, BRÔNQUIOS E PULMÃO

Em 2021, as doenças do aparelho circulatório continuaram a estar na origem do maior número de óbitos em Portugal (32 452), apesar da descida de 6,2% em relação ao ano anterior. Em termos relativos, representaram 25,9% do total de óbitos, menos 5,9 p.p. do que no ano anterior e menos 4,0 p.p. do que em 2019. Neste conjunto de doenças, continuaram a destacar-se as 9 613 mortes por acidentes vasculares cerebrais, ainda que este valor tenha representado uma descida de 16,0% em relação ao ano anterior. Registaram-se igualmente menos óbitos por doença isquémica do coração (6 683 óbitos) e por enfarte agudo miocárdio (3 977 óbitos), em ambos os casos menos 2,4% do que em 2020.

A doença COVID-19 foi a terceira principal causa de morte no ano, com 12 986 óbitos, representando 10,4% do total de óbitos ocorridos no país. Este resultado tem em conta o número de óbitos em que a causa básica de morte, ou seja, a doença que iniciou a cadeia de acontecimentos patológicos que conduziram à morte, foi a doença COVID-19. Mais de 80% das mortes causadas por COVID-19 (81,3%) ocorreram no primeiro trimestre de 2021, com o registo de 10 559 óbitos. Destacaram-se ainda as mortes por COVID-19 ocorridas em agosto (3,1%) e dezembro (4,4%). A taxa de mortalidade pela doença COVID-19 foi de 124,5 óbitos por cada 100 mil residentes em Portugal, mais elevada no caso dos homens (139,3 por 100 mil homens) do que no das mulheres (111,0 por 100 mil mulheres). A idade média ao óbito foi de 80,5 anos, mais elevada para as mulheres (82,5 anos) do que para os homens (78,8 anos).



As doenças do aparelho respiratório, que, em conformidade com o definido pela Organização Mundial da Saúde para a classificação CID-10, não incluem a doença COVID-19, causaram 10 273 óbitos, menos 8,8% do que em 2020, e representaram 8,2% da mortalidade total ocorrida no país (menos 0,9 p.p. do que em 2020 e menos 2,7 p.p. do que em 2019). Neste grupo, destacaram-se as mortes provocadas por pneumonia, com 3 765 óbitos, que representaram 3,0% da mortalidade ocorrida em 2021 (3,5% em 2020 e 4,2% em 2019), apesar da redução de 13,6% em relação ao ano anterior.

Em 2021, aumentaram em 1,9% as mortes por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão: 4 318 mortes em 2020 e 4 400 mortes em 2021. Os óbitos por tumores malignos do cólon, reto e ânus diminuíram em 2021 (de 3 810 óbitos em 2020 para 3 609 óbitos em 2021), representando 2,9% da mortalidade em 2021 (3,1% em 2020 e 3,4% em 2019).

O Instituto Nacional de Estatística (INE) divulga hoje os resultados estatísticos relativos à mortalidade por causas de morte em Portugal em 2021, de acordo com os 55 grupos de causas de morte baseados na lista «OECD Health Data» da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). Esta informação tem em conta a codificação dos certificados de óbito realizada pela Direção-Geral da Saúde até 27 de abril de 2023.

Os indicadores incluem os principais grupos de causas de morte por doença, destacando-se as doenças do aparelho circulatório, os tumores malignos, as doenças do aparelho respiratório e as doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas, as mortes por causas externas de lesão e envenenamento e as provocadas pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, também designado por COVID-19.

Para cada grupo de causas de morte são apresentadas contagens do número de óbitos por sexo, grupo etário e região de residência dos falecidos, bem como alguns indicadores derivados: Relação de masculinidade ao óbito; Idade média ao óbito; Taxa bruta de mortalidade; Taxa padronizada de mortalidade; e Número médio de anos potenciais de vida perdidos, entre outros.

Esta informação encontra-se disponível através da navegação em árvore na base de dados do INE, <a href="https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine">https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine</a> bdc tree&contexto=bd&selTab=tab2, consultando o tema Saúde/Mortalidade por causas de morte. Neste destaque são apresentados os indicadores para as principais causas de morte.

Quadro 1. Principais indicadores de óbitos por causas de morte em 2021

	Óbito	os	Variação anual	Taxa bruta de mortalidade	Idade média ao óbito	N.º médio de anos potenciais de vida perdidos <sup>(2)</sup>	Relação de masculinidade ao óbito
	N.º	%	%	Por 100 mil habitantes	,	Por 100 mulheres	
Total de óbitos <sup>(1)</sup>	125 223	100,0	1,2	1 199,8	79,0	12,2	101,0
Doenças do aparelho circulatório, das quais	32 452	25,9	-6,2	310,8	81,8	10,7	80,2
Doenças cerebrovasculares	9 613	7,7	-16,0	92,2	82,0	9,8	77,8
Doença isquémica do coração	6 683	5,3	-2,3	63,6	77,7	11,3	135,6
Enfarte agudo do coração	3 977	3,2	-2,7	37,8	76,7	11,5	132,8
Tumores malignos, dos quais	27 644	22,1	-2,6	265,0	73,6	10,6	141,8
Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão	4 400	3,5	1,9	42,2	71,3	8,6	284,9
Tumor maligno do colon, reto e ânus	3 609	2,9	-5,3	34,6	75,8	10,3	134,8
Doenças do aparelho respiratório, das quais	10 273	8,2	-8,8	98,6	83,0	10,0	111,4
Pneumonia	3 765	3,0	-13,6	36,1	83,7	10,9	106,1
Doença COVID-19	12 986	10,4	82,3	124,5	80,5	9,3	114,0

Notas explicativas: 1) O número de óbitos, e as respetivas proporção e variação anual, referem-se ao total de mortes ocorridas no país, enquanto os restantes indicadores respeitam apenas a mortes de residentes em Portugal. 2) Em relação à superioridade do número médio de anos potenciais de vida perdidos para o total de causas em relação às principais causas de morte, tal fica a dever-se ao facto deste indicador incidir apenas sobre as mortes antes dos 70 anos, que tendem a ocorrer em menor proporção no caso das causas de morte analisadas.

## A doença COVID-19 foi a segunda principal causa de morte em 2021

Em 2021, as mortes por doenças do aparelho circulatório e por tumores malignos diminuíram, respetivamente, 6,2% e 2,6% em relação ao ano anterior. Em conjunto, e ao contrário dos anos anteriores, representaram menos de metade das mortes ocorridas no país (46,0%), o que terá ficado associado ao aumento do impacto da doença COVID-19 na mortalidade em 2021.

Em 2021, ocorreram em Portugal 12 986 mortes causadas pela doença COVID-19, representando 10,4% do total dos óbitos ocorridos no país. Destes, 12 952 foram de residentes em Portugal e 34 de residentes no estrangeiro. Estes resultados têm em conta as mortes em que a causa básica de morte, ou seja, a doença que iniciou a cadeia de acontecimentos patológicos que conduziram à morte, foi a COVID-19.

Nas mortes por COVID-19, a relação de masculinidade nos residentes em Portugal foi de 114,0 óbitos masculinos para cada 100 óbitos femininos, e a idade média ao óbito foi de 80,5 anos, mais elevada para as mulheres (82,5 anos) do que para os homens (78,8 anos).

A taxa de mortalidade foi de 124,5 óbitos por cada 100 mil residentes em Portugal, mais elevada no caso dos homens (139,3) do que das mulheres (111,0). Por região, as taxas de mortalidade por COVID-19 foram mais elevadas nas regiões Alentejo (184,4 por 100 mil habitantes) e Área Metropolitana de Lisboa (161,1). Destacamse ainda as taxas de mortalidade significativamente mais baixas na Região Autónoma dos Açores (14,7 por 100 mil habitantes) e na Região Autónoma da Madeira (50,0).

Quadro 2. Óbitos por COVID-19: número e taxas de mortalidade, por sexo e região de residência NUTS II, 2021

Região de residência NUTS II		Óbitos por sexo		Taxas de mortalidade por 100 mil habitantes e sexo					
regiao de l'esideficia NO13 II	нм н		М	НМ	Н	М			
Total <sup>(1)</sup>	12 986	6 925	6 061	124,8	139,8	111,2			
Portugal	12 952	6 899	6 053	124,5	139,3	111,0			
Continente	12 790	6 814	5 976	129,0	144,4	115,0			
Norte	2 830	1 559	1 271	78,5	90,8	67,4			
Centro	3 445	1 775	1 670	153,4	165,8	142,2			
A. M. Lisboa	4 646	2 530	2 116	161,1	186,3	138,6			
Alentejo	1 311	634	677	184,4	183,9	184,8			
Algarve	558	316	242	118,7	138,5	100,1			
R. A. Açores	35	21	14	14,7	18,1	11,5			
R. A. Madeira	126	63	63	50,0	53,2	47,1			

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte.

Nota (1): As taxas de mortalidade para o total de mortes ocorridas no país são calculadas utilizando-se, no denominador, a população média residente (em 30/06/2021).

As taxas de mortalidade por COVID-19 foram mais elevadas nas idades mais avançadas, sendo mais significativas a partir dos 55 anos e, em especial, na faixa dos 85 e mais anos.

Figura 1. Taxas de mortalidade por COVID-19, por 100 mil habitantes, por sexo e grupo etário, Portugal, 2021

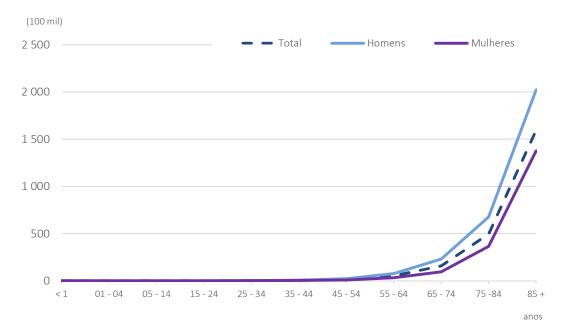
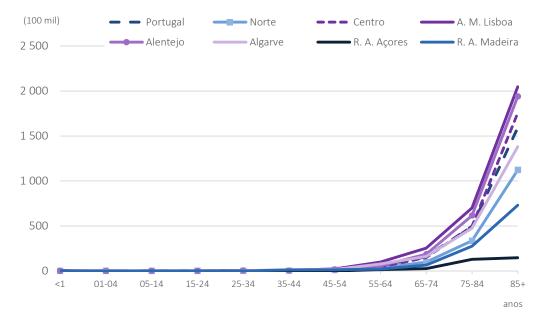


Figura 2. Taxas de mortalidade por COVID-19, por 100 mil habitantes, por grupo etário, NUTS II, 2021



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte.

A distribuição mensal dos óbitos por COVID-19 em 2021 mostra que mais de 80% das mortes causadas por esta doença (81,3%) ocorreram primeiro trimestre de 2021, com o registo de 10 559 óbitos. Destacaram-se ainda as mortes por COVID-19 ocorridas em agosto (3,1%) e dezembro (4,4%).

Quadro 3. Distribuição mensal do número de óbitos por COVID-19, por NUTS II, 2021

NUTS II	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total
Total	6 106	3 805	648	171	89	106	281	408	261	202	333	576	12 986
Portugal	6 102	3 799	648	171	88	106	280	406	257	200	325	570	12 952
Continente	6 065	3 773	636	167	83	103	275	400	256	195	299	539	12 791
Norte	1 413	738	132	47	22	23	64	86	55	48	63	139	2 830
Centro	1 792	962	135	32	13	15	32	71	69	57	101	166	3 445
A. M. Lisboa	2 037	1 551	307	72	35	58	128	164	81	34	68	111	4 646
Alentejo	670	395	45	9	7	4	19	34	22	37	29	40	1 311
Algarve	153	126	17	7	6	3	32	45	29	19	38	83	558
R. A. Açores	5	4	2	2	2	1	4	4	1	3	4	3	35
R. A. Madeira	32	22	10	2	3	2	1	2	0	2	22	28	126

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte.

Menos 6,2% de mortes por doenças do aparelho circulatório em 2021

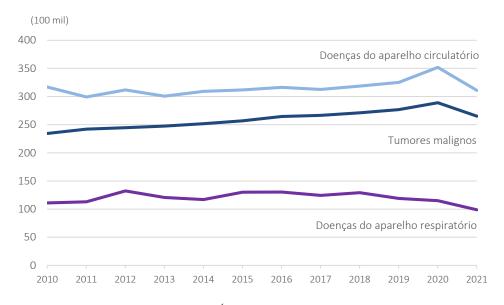
As mortes por doenças do aparelho circulatório diminuíram 6,2%, de 34 593 em 2020 para 32 452 em 2021.

Considerando apenas os óbitos de residentes, a taxa de mortalidade por doenças do aparelho circulatório foi de 310,8 por 100 mil habitantes, consideravelmente mais baixa do que no ano anterior (335,0).

Contudo, esta diminuição não se refletiu numa diminuição do número médio de anos potenciais de vida perdidos devido às doenças do aparelho circulatório, tendo mesmo subido 0,4 anos em relação ao ano anterior (10,3 em 2020 e 10,7 anos em 2021), em consequência de uma maior mortalidade antes dos 70 anos de idade por esta doença.

A relação de masculinidade em 2021 foi de 80,2 óbitos de homens residentes por cada 100 óbitos de mulheres residentes, mais elevada do que a registada no ano anterior (79,4).

Figura 3. Taxas de mortalidade por doenças do aparelho circulatório, por tumores malignos e por doenças do aparelho respiratório, por 100 mil habitantes, Portugal, 2010-2021

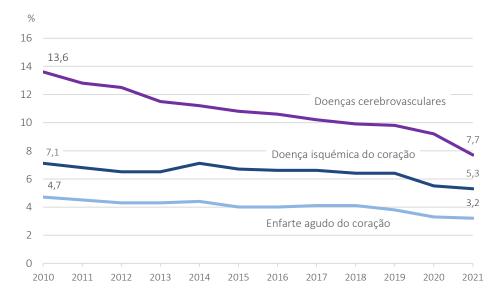


Cerca de 10 mil óbitos de residentes foram causados por AVC, em 2021

Nos últimos anos, em termos relativos, tem-se verificado uma diminuição da proporção de mortes causadas por doenças do aparelho circulatório no total de mortes, de 31,8% em 2010 para 28,0% em 2020 e 25,9% em 2021, principalmente devido à tendência para a quebra de importância das mortes por doenças cerebrovasculares, também designadas por acidentes vasculares cerebrais (AVC) (13,6% em 2010, para 9,2% em 2020 e 7,7% em 2021).



Figura 4. Proporção de óbitos (em %) por doenças cerebrovasculares, por enfarte agudo do miocárdio e por doença isquémica do coração, no país, 2010-2021



Todavia, os AVC continuaram a estar na origem do maior número de óbitos por doenças do aparelho circulatório em 2021 (9 613), representando 7,7% da mortalidade total e uma taxa de 92,2 mortes de residentes por 100 mil habitantes. Ainda assim, este resultado reflete uma diminuição significativa em relação a 2020, quando se tinham registado 11 439 óbitos, que corresponderam a 9,3% do total e a uma taxa de 111,0 óbitos de residentes por 100 mil habitantes.

Em 2021, as mortes por AVC continuaram a atingir principalmente as mulheres, com uma relação de 78,0 óbitos de homens por cada 100 óbitos de mulheres. As mulheres continuaram também a morrer relativamente mais tarde do que os homens devido a esta doença: a idade média ao óbito para as mulheres foi de 83,9 anos e para os homens de 79,6 anos.

Do total de óbitos por doenças cerebrovasculares, 93,0% foram de pessoas com 65 e mais anos e 81,6% de pessoas com 75 e mais anos. O número médio de anos potenciais de vida perdidos foi 9,8 anos, valor superior ao verificado no ano anterior (9,3).

As correspondentes taxas brutas de mortalidade diminuíram em alguns grupos etários mais avançados: no caso dos 65 aos 74 anos, de 110,2 por 100 mil residentes em 2020 para 86,8 em 2021; no caso dos 75 aos 84 anos, de 461,4 em 2020 para 352,0 em 2021.

Em 2021, perderam-se 10 763 anos potenciais de vida devido às doenças cerebrovasculares, menos do que no anterior (11 093), o que resulta na diminuição do número e óbitos com menos de 70 anos de idade por esta causa.



Quase 7 mil óbitos devido a doenças isquémicas do coração

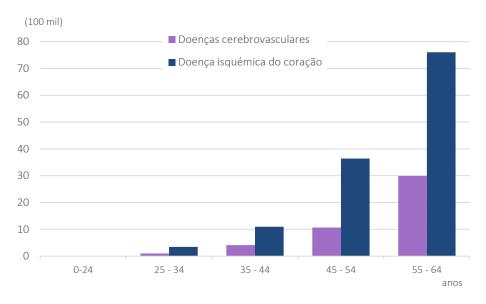
Ainda no conjunto das doenças do aparelho circulatório, registaram-se 6 683 óbitos por doença isquémica do coração, representando 5,3% da mortalidade total em 2021 e uma redução de 2,3% em relação ao ano anterior, quando ocorreram 6 838 mortes devidas a esta causa.

Do total de óbitos devido à doença isquémica do coração, 6 622 foram de residentes, a que corresponde uma taxa bruta de mortalidade dos residentes de 63,6 óbitos por 100 mil habitantes em 2021, mais baixa do que em 2020 (65,9). Em 2021, ao contrário do ano anterior, estas mortes atingiram principalmente as mulheres, com uma relação de 75,8 óbitos de homens por 100 de mulheres, mais baixa do que em 2020 (136,6). A idade média ao óbito para as mulheres foi de 73,9 anos, mantendo-se substancialmente menos tardia (cerca de menos 8 anos) em relação à registada para os homens (82,4 anos).

Em 2021, do total de óbitos de residentes por doença isquémica do coração, 82,2% foram de pessoas com 65 e mais anos e 66,1% de pessoas com 75 e mais anos. O número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 11,3 anos (superior ao registado em 2020: 10,6 anos).

Em comparação com outras doenças do aparelho circulatório, nomeadamente as doenças cerebrovasculares, as doenças isquémicas do coração apresentam taxas brutas de mortalidade mais elevadas nos grupos etários inferiores a 55 anos.

Figura 5. Taxas de mortalidade por doenças cerebrovasculares e doença isquémica do coração, por 100 mil habitantes antes dos 65 anos, por grupo etário, Portugal, 2021



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte.



As mortes por enfarte agudo do miocárdio diminuíram 2,7%

Em 2021, registaram-se 3 077 mortes por enfarte agudo do miocárdio, representando 3,2% da mortalidade total e diminuindo 2,7% em relação ao ano anterior (4 086 óbitos).

As mortes de residentes por enfarte agudo do miocárdio atingiram principalmente os homens, com uma relação de 132,8 óbitos de homens por 100 de mulheres. A idade média ao óbito para as mulheres situou-se nos 81,7 anos, mais cerca de 9 anos do que a observada para os homens (72,9 anos).

Do total de óbitos de residentes por enfarte agudo do miocárdio, 80,4% foram de pessoas com 65 e mais anos e 63,2% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 11,5 anos. A taxa bruta de mortalidade devido a enfarte agudo do miocárdio, para os residentes, foi de 37,8 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 45 e mais anos (cf. página 11, Figura 6.D).

Aumento de 1,9% de mortes causadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão, em 2021

Os tumores malignos causaram 27 644 óbitos em 2021, menos 2,6% do que no ano anterior (28 393 óbitos em 2020). Este conjunto de doenças representou 22,1% da mortalidade total ocorrida no país em 2021.

Em 2021, a taxa de mortalidade dos residentes por tumores malignos foi de 265,0 por 100 mil habitantes, bastante mais elevada no caso dos homens (326,4) do que nas mulheres (209,2). Contabilizaram-se 105 311 anos potenciais de vida perdidos, valor inferior ao resultado de 108 174 anos de vida perdidos em 2020, o que ficou a associado à diminuição do número de óbitos com menos de 70 anos de idade.

No conjunto dos tumores malignos, destacaram-se 4 400 mortes provocadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão, que representaram 3,5% do total de mortes no país e aumentaram 1,9% em relação ao ano anterior. Estes tumores continuaram a atingir homens e mulheres de forma muito diferente, com taxas brutas de mortalidade de 65,6 mortes por 100 mil homens e de 20,9 óbitos por 100 mil mulheres, que resultam numa relação de 284,9 óbitos de homens por 100 de mulheres. A taxa bruta de mortalidade devido aos tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão foi de 42,2 óbitos por 100 mil residentes, com valores significativamente crescentes para 45 e mais anos (cf. página 11, Figura 6.E).

Os tumores malignos do cólon, reto e ânus representaram 2,9% da mortalidade em 2021, com 3 609 óbitos (menos 5,3% do que no ano anterior). Estes tumores continuaram a atingir principalmente os homens, com uma relação de 134,8 óbitos de homens por 100 de mulheres. A taxa bruta de mortalidade devido aos tumores malignos do cólon, reto e ânus foi de 34,7 óbitos por 100 mil residentes, com valores significativamente crescentes para 55 e mais anos (cf. página 11, Figura 6.F).

Redução de quase 9% nas mortes por doenças do aparelho respiratório, em 2021

Em 2021, as doenças do aparelho respiratório causaram 10 273 óbitos, menos 8,8% do que no ano anterior e, em simultâneo, verificou-se uma redução da sua representação no total de óbitos (de 9,1%, em 2020 para 8,2%, em



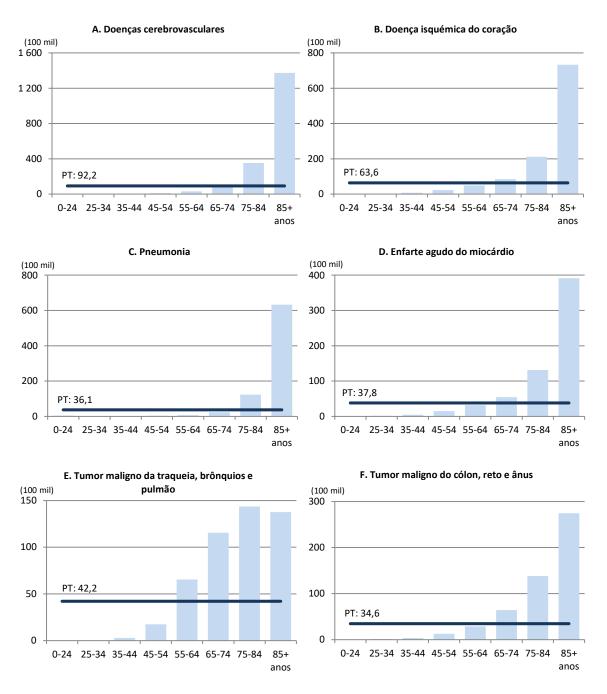
2021). Salienta-se que, seguindo as normas da OMS, os óbitos por COVID-19 não foram classificados nem incluídos no conjunto das doenças respiratórias, constituindo um conjunto de doenças à parte (ver nota metodológica).

Consequentemente, a taxa de mortalidade por doenças do aparelho respiratório foi de 98,6 por 100 mil residentes, inferior em cerca de 11 casos por 100 mil habitantes em relação ao ano anterior (109,2). Todavia, o número médio de anos potenciais de vida perdidos devido a doenças do aparelho respiratório diminuiu 0,6 anos em relação a 2020 (de 10,6 em 2020 para 10,0 em 2021), o que ficou a associado à diminuição do número de óbitos com menos de 70 anos de idade.

Neste grupo, destacaram-se as mortes de residentes provocadas por pneumonia, com 3 765 óbitos, que representaram 3,0% da mortalidade ocorrida em 2021 (3,5% em 2020 e 4,2% em 2019), e uma diminuição de 13,6% óbitos em relação ao ano anterior. A taxa bruta de mortalidade por pneumonia foi de 36,1 óbitos por 100 mil residentes, com valores significativamente crescentes para 65 e mais anos (cf. página 11, Figura 6.C).

Em 2021, as mortes por pneumonia atingiram de forma mais significativa os homens, com uma relação de 106,4 homens por cada 100 mulheres. A idade média ao óbito foi de 85,2 anos para as mulheres, superior em cerca 3 anos à dos homens (82,3 anos).

Figura 6. Taxas de mortalidade por algumas doenças por 100 mil habitantes, por grupo etário, Portugal, 2021





## NOTA METODOLÓGICA

Os dados de óbitos por causas de morte resultam do aproveitamento de dados administrativos para fins estatísticos. Trata-se de informação sujeita ao registo civil e recolhida junto das Conservatórias do Registo Civil através do Sistema Integrado do Registo e Identificação Civil (SIRIC) e do Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO). A Direção Geral da Saúde colabora com o INE procedendo à identificação da causa básica de morte e da causa de morte externa, quando existe, e subsequentemente à codificação das causas de morte segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial de Saúde (OMS). Os resultados estatísticos relativos a 2021 apresentados neste destaque foram obtidos com base na informação do Sistema de Informação dos Certificados de Óbito disponível até 27 de abril de 2023. Seguindo as normas da OMS, os óbitos por COVID-19 não foram classificados nem incluídos no conjunto das doenças respiratórias, constituindo um conjunto de doenças à parte. Na CID-10, as mortes por COVID-19 foram classificadas segundo códigos para usos especiais, correspondendo ao seguinte conjunto de códigos: U00 a U99.

## **CONCEITOS**

Anos potenciais de vida perdidos (APVP): Número de anos que teoricamente uma determinada população deixa de viver, se morrer prematuramente (antes dos 70 anos). Resulta da soma dos produtos do número de óbitos ocorridos em cada grupo etário ( $O_i$ ) pela diferença ( $A_i$ ) entre o limite superior considerado (70 anos) e o ponto médio do intervalo de classe correspondente a cada grupo etário.

$$APVP = \sum_{i} O_i \times A_i$$

Causa básica de morte: Doença ou lesão que inicia a cadeia de acontecimentos patológicos que conduzem à morte, ou circunstâncias do acidente ou ato de violência que produzem a lesão fatal.

Causa externa: Circunstância em que determinada lesão, intoxicação ou efeito adverso acontece.

**Idade média ao óbito:** Quociente entre a soma do produto de cada ponto médio do escalão etário pelo número de observações, em cada escalão etário, e o número total de observações.

**Número médio de anos potenciais de vida perdidos**: Quociente entre o número de anos potenciais de vida perdidos e o número de óbitos com menos de 70 anos.

Relação de masculinidade ao óbito: Quociente entre os óbitos do sexo masculino e os do sexo feminino, por 100 mulheres.

**Taxa bruta de mortalidade:** Número de óbitos observado durante um determinado período de tempo, normalmente um ano civil, por uma determinada causa de morte, referido à população média desse período (expressa em número de óbitos por 100 000 habitantes).